

VOLUNTÁRIA EM SAÚDE MENTAL E VÍTIMA DAS ENCHENTES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA¹

ENDIERI B. SOARES² CAMILA BOLZAN DE CAMPOS³

1 Trabalho de Conclusão de Curso, da primeira autora, como requisito parcial para obtenção do título de bacharela em Psicologia pela Universidade La Salle - Canoas.

2 Graduanda em Psicologia. Universidade La Salle - Canoas. psicologaendi@gmail.com.

3 Psicóloga. Doutora em Psicologia. Orientadora. Universidade La Salle - Canoas. Contato: camila.bolzan@unilasalle.edu.br

RESUMO: O propósito deste relato de experiência é propor reflexões acerca dos desafios da atuação dos voluntários em saúde mental sendo estes, também, vítimas das enchentes que acometeram a cidade de Canoas em maio de 2024. Para atingir este objetivo, serão utilizadas as observações e percepções da atuação em locais de abrigos e com voluntariado em saúde mental na cidade de Canoas. A partir da experiência da pesquisadora, articulamos a teoria psicológica e a vivência em ser uma estudante de psicologia e vítima das enchentes. Com esta construção espera-se promover diálogos que possam contribuir para futuras intervenções psicológicas com estes sujeitos em situações de desastres e emergências.

Palavras-chave: Voluntariado em saúde mental; vítimas das enchentes, intervenção em crise.

ABSTRACT: *The purpose of this experience report is to propose reflections on the challenges of the work of mental health volunteers, who are also victims of the floods that affected the city of Canoas in May 2024. To achieve this objective, observations and perceptions of working in shelters and volunteering in mental health in the city of Canoas. Based on the researcher's experience, we articulate the psychological theory and the experience of being a psychology student and a victim of the floods. With this construction, it is hoped to promote dialogues that can contribute to future psychological interventions with these subjects in disaster and emergency situations.*

Keywords: *Volunteering in mental health; flood victims, crisis intervention.*

A MAIOR ENCHENTE NA HISTÓRIA DA CIDADE DE CANOAS

Primeiramente, é importante entendermos que a enchente faz parte dos desastres ambientais como avalanches, epidemias, inundações, desabamentos e incêndios, sejam eles causados ou não pelo ato do ser humano, têm ocorrido com maior frequência nos últimos tempos em todo o mundo, causando um grande impacto na população, seja ela afetada diretamente ou indiretamente (BARBOSA, et. al., 2023).

A Defesa Civil do Rio Grande do Sul apresenta que nos últimos anos esses eventos vêm se intensificando no Estado, devido ao aquecimento global. Os efeitos do ENOS (El Niño e La Niña), que diz respeito a Temperatura da Superfície do Mar (TSM) também tem muito influência sobre as condições climáticas do Estado (BRASIL, 2021).

Para um melhor entendimento, podemos analisar as diferenças entre enchente, alagamento e inundação:

- Enchente: é um processo natural ou potencializado pela ação antrópica que acontece por meio do aumento do volume de água nos rios e córregos. Portanto, é o transbordamento dos cursos de água. As enchentes são fenômenos naturais recorrentes, principalmente, nos períodos mais chuvosos do ano.
- Alagamento: é o acúmulo momentâneo de água, especialmente água da chuva, em diversas localidades, com destaque para as zonas urbanas. Os alagamentos são derivados de diversos fatores, que vão desde o grande acumulado de chuvas até deficiências dos sistemas de drenagem.
- Inundação: é o transbordamento de água em determinado local, ou seja, é um processo que tem uma espacialidade definida. As inundações são geradas por meio de córregos, rios, lagos, mares e oceanos. Há ainda a inundação de origem antrópica, ou seja, decorrente de processos oriundos da ação humana, como o rompimento de uma represa.

Mesmo sendo um fenômeno natural, as enchentes são condicionadas e potencializadas por fatores antrópicos. O Brasil, país marcado pela grande desigualdade social, apresenta elementos sociais que interferem diretamente na ocorrência de enchentes. Nesse contexto, destaca-se a ocupação humana desordenada dos vales fluviais, o descarte incorreto de lixo em zonas naturais, a canalização de diversos cursos de água, além da ausência de políticas públicas de monitoramento ambiental e planejamento urbano.

Canoas, o município tem em seu nome, o meio de transporte utilizado para navegar nos rios. Embora cercado pelos Rios dos Sinos e Gravataí, e Arroios Sapucaia e da Brigadeira, sua origem se dá muito por conta de um desastre natural, que assolou seu território, pelo menos três vezes em proporções alarmantes, as enchentes. A primeira, a

inundação de 1873, atingiu toda região metropolitana atual e capital. Conforme os anais da Câmara, essas zonas ficaram submersas, atrasando assim a construção da estrada ferro, que cortava a Fazenda Gravataí, ligando Porto Alegre e São Leopoldo.que neste ano completa 85 anos, possui histórico de enchentes, a cidade foi duramente afetada em 1941 e novamente em 1965, ano da cheia recorde do Sinos. Novamente no ano de 2023, tendo alguns bairros atingidos, e neste ano de 2024 com mais da metade da cidade atingida pela enchente. A enchente deste ano foi a mais desastrosa da história da cidade. Sem planejamento estratégico para a situação, mesmo com o histórico mencionado, foram atingidas pelas enchentes 60% dos 131 quilômetros quadrados de área da cidade, o equivalente a uma extensão de quase 11 mil campos de futebol engolidos pela enchente. Em dois terços da cidade, a destruição foi praticamente total. Foram cerca de 80 mil casas atingidas, além de empresas, fábricas e equipamentos públicos como escolas e unidades de saúde. Ao avançar do nível da água rapidamente, a onda de cheia atingiu em algum grau metade da população, provocou desespero e boatos infundados, exigiu resgates heroicos madrugada adentro e resultou em mais de 15 mil desabrigados até a tarde de domingo, 05 de maio de 2024. Desabrigados são aqueles que estão sob responsabilidade do município em abrigos públicos. Neste número de desabrigados, encontram-se as pessoas que evacuaram de suas casas antes da enchente chegar. Sob avisos assustadores com a cidade em caos estabelecido, bairros foram evacuados por conta do risco da enchente e, em paralelo, o prefeito da cidade informando que estava “tudo sob controle”.

Pessoas evacuaram, com seus familiares, animais, alguns levaram malas, outros apenas uma mochila. Pessoas em vulnerabilidade socioeconômica possuem limitações de acesso a necessidades básicas, como a falta de saneamento básico, moradia, educação, saúde, trabalho, alimentação, segurança, entre outros fatores, o que coloca essas pessoas em maiores riscos e dificulta a qualidade de vida e bem-estar pessoal e social. E essa condição afeta grande parte da população e de diversos grupos sociais (BOFF e CABRAL, 2023 apud LIMA, 2016). Andrade (2021) constata que locais mais distantes dos centros urbanos e próximos de fluviais, possuem maiores riscos de inundações, com isso, estão em locais com maior vulnerabilidade ambiental e ainda possuem elevada vulnerabilidade socioeconômica.

Considerando a forma como a nossa sociedade segue se organizando, a partir de um determinado sistema econômico, essas situações tendem a cada vez mais se repetir. Trata-se de situações que são afetadas pelas formas de estruturação da sociedade em que uma delas é o racismo na sua faceta denominada racismo ambiental. Esses eventos de catástrofes climáticas extremas são um somatório de condições que acabam relegando a população negra, indígena e demais populações em vulnerabilidade social . A catástrofe que assolou o nosso Estado no mês de maio de 2024 torna-se representativa da forma em que o Rio Grande do Sul se coloca no imaginário em relação a outros territórios do país, sendo um estado de população majoritariamente branca, silenciando e apagando contribuições de outras civilizações de outros pertencimentos raciais e étnicos. Com tudo isso, essa comoção nacional que conseguiu sensibilizar o país parece estar vinculada a estas características pelas quais o estado do RS se apresenta e se coloca. Talvez, porque, desta vez, pessoas atingidas que não são habitualmente populações nesses territórios excluídos socialmente, mas sim a população habitualmente não atingida pelas catástrofes porque não vivem nesses territórios de exclusão é que foram destituídas e passaram por perdas que outras populações costumam passar historicamente. Sob a necessidade de precisar viver nestes territórios.

No mundo, a notícia do desastre que estava acontecendo no Rio Grande do Sul demorou alguns dias para chegar. Houve uma espera midiática anunciando os desastres somente após o show de uma cantora muito famosa conhecida internacionalmente, que estava fazendo um show no Brasil. Para a agonia dos voluntários, que precisavam de ajuda imediata de outros lugares, pois, praticamente toda a população riograndense se não era vítima da enchente, estava atuando nos voluntariados. Quando a notícia chegou ao mundo, com a devida preocupação de desastre ambiental, tivemos a dimensão do quanto precisávamos de ajuda. Muito rapidamente, a mobilização foi nacional, descendo doações de caminhões, voluntários de outros estados do país vindo para o nosso estado. Criaram-se grupos de apoio financeiro, com mobilizações de pix (pagamentos instantâneos) para programas de doações às pessoas vítimas das enchentes.

No Rio Grande do Sul, foram cerca de 315 abrigos ativos no mês de maio. Em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, mais de 100 locais de acolhimento, números que se

modificavam a todo momento devido à velocidade com que a enchente foi impactando as cidades. Integrar as ações de ajuda é fundamental. “Nunca havíamos enfrentado um momento como este, e sentimos a necessidade de uma solução que integrasse com agilidade as informações que estão sendo geradas pelos abrigos para atender de forma eficiente às demandas”, comenta o coordenador do Pacto Alegre e secretário de Inovação de Porto Alegre, Luiz Carlos Pinto da Silva. A Prefeitura de Porto Alegre lançou um desafio para o mercado de tecnologia da cidade, e foi atendida. Desenvolvedores, analistas de dados, cientistas de dados e programadores, por meio da Associação dos Usuários de Informática e Telecomunicações do Rio Grande do Sul (Sucesu-RS), se reuniram de forma voluntária para desenvolver alternativas e acabaram atendendo às necessidades de outras regiões do Estado. Aplicativos para organizar os serviços dos voluntários foram desenvolvidos. E, isso, ajudou a chamar mais voluntários de outras regiões do país para se deslocarem para o Rio Grande do Sul. Ocorreu, também, uma mobilização massiva de doações vindas de todos os Estados do Brasil. Caminhões desciam com donativos e esperanças. As atuações dos voluntários foram as mais diversas. Em situações de desastres e emergências, o voluntariado em saúde mental desperta atenção por ser um trabalho que necessita de preparo e treinamento prévio.

A Defesa Civil atualizou o balanço das enchentes no RS no dia 08 de Julho de 2024. Confira abaixo o último relatório sobre as ações de resgate nas localidades atingidas: Municípios afetados: 478; Afetados: 2.398.255; Feridos: 806; Desaparecidos: 31; Óbitos confirmados: 182. Especificamente nos números de óbitos, a cidade de Canoas lidera o ranking dos três municípios com mais óbitos, sendo 31 óbitos informados. Depois, temos Roca Sales com 14 óbitos e Cruzeiro do Sul com 13 óbitos.

Diante do evento, são necessárias ações e intervenções que apoiem as pessoas vítimas e impactadas a fim de mitigar as consequências psicológicas dos eventos de crise. A seguir abordaremos os Primeiros Socorros Psicológicos como uma alternativa de medida de enfrentamento à situação das enchentes.

PRIMEIROS SOCORROS PSICOLÓGICOS (PSP)

Atualmente inúmeros eventos catastróficos ocorrem com frequência em um curto intervalo de tempo, deixando pessoas do mundo todo sem condições para uma vida sustentável e extremamente vulnerável. Na maioria das vezes, sem capacidade e sem profissionais treinados para lidarem nestes eventos, impossibilitando uma maior eficácia na resposta e reconstrução dessas comunidades afetadas em uma retomada a sua normalidade de funcionamento. As contribuições da Psicologia em situações de desastres e emergências abrangem atuações no desenvolvimento de planos de curto, médio e longo prazo para minimizar riscos, reduzir condições de vulnerabilidade e preparar para a resposta, considerando cada situação e cada comunidade. A dimensão desses eventos e a cobertura exaustiva dos meios de comunicação, sobretudo nos momentos iniciais, costumam produzir uma grande comoção, muitas vezes acompanhada de ações por iniciativa dos governos e da sociedade civil. Até algum tempo essas ações eram praticamente restritas a prover as vítimas das catástrofes de recursos materiais, inclusive estimulando campanhas de doação. Nos últimos anos, entretanto, um novo elemento vem sendo incorporado ao conjunto de recursos oferecidos às vítimas de catástrofes: o atendimento psicológico imediato.

Os Primeiros Socorros Psicológicos (PSP) são protocolos de intervenção que visam padronizar o atendimento às vítimas com base em evidências sobre reações ao estresse. São uma ferramenta útil para que quem se dedica ao trabalho humanitário e ao voluntariado, possa ajudar pessoas em choque ou em crise. Perante um evento crítico, as pessoas podem ficar desorganizadas ou afetadas por emoções intensas, mostrando apatia ou desespero. Este folheto apresenta os princípios básicos dos primeiros socorros psicológicos e descreve as principais etapas a seguir. Os primeiros socorros psicológicos têm como objetivo proporcionar apoio humano básico; fornecer informação prática; e mostrar empatia, preocupação, respeito e confiança nas capacidades do indivíduo para superar as dificuldades. As pessoas devem ser abordadas com empatia, numa atitude de receptividade, e devem ser protegidas relativamente ao ambiente. Podem necessitar de ajuda prática enquanto recupera, gradualmente, as suas capacidades para o fazerem autonomamente.

Quatro elementos básicos dos Primeiros Socorros Psicológicos

1. MANTER A PROXIMIDADE

As pessoas em crise podem, temporariamente, perder o sentido básico de segurança e confiança em relação ao ambiente. Os trabalhadores humanitários podem ajudar a reconstruir essa segurança e confiança mantendo-se fisicamente próximos e disponíveis. Prepare-se para se deparar com manifestações intensas de sentimentos, gritos e rejeição de apoio. Não se deixe intimidar por demonstrações de ansiedade extrema ou outras emoções.

2. ESCUTAR ATIVAMENTE

Para ajudar alguém a atravessar um momento difícil é importante escutar cuidadosamente. Escute ativamente fazendo perguntas clarificadoras. O tempo pode ser escasso, mas é importante assegurar os cuidados básicos até que chegue ajuda.

3. ACEITAR SENTIMENTOS

Pessoas em crise podem manifestar emoções diversas, desde alegria por terem sobrevivido até vergonha por terem escapado ilesos. Aceite a interpretação das pessoas acerca do acontecimento e valide os seus sentimentos. Não insista na correção da informação fornecida ou da percepção acerca da sequência dos acontecimentos.

4. PROPORCIONAR CUIDADOS GERAIS E AJUDA PRÁTICA

Quando uma pessoa se encontra numa situação de crise, a ajuda prática pode ser fundamental. Estabeleça contacto com alguém que possa acompanhar e apoiar a pessoa afetada, diligencie ajuda para cuidar das crianças, ou acompanhe a pessoa até casa ou até aos serviços médicos. Siga as necessidades da pessoa, mas evite assumir mais responsabilidade do que as realmente necessárias.

São esperadas algumas reações psicológicas nas pessoas que realizam a intervenção em Primeiros Socorros Psicológicos (PSP), uma dos sofrimentos negativos é a fadiga por compaixão, apresentada a seguir.

FADIGA POR COMPAIXÃO

Fadiga por compaixão é o nome do processo no qual o profissional ligado ao atendimento de uma clientela, que tem como demanda o sofrimento, torna-se fatigado,

exausto física e mentalmente, devido ao constante contato com o estresse provocado pela compaixão (Figley, 1995). De forma geral, a fadiga por compaixão ocorre quando o profissional não consegue mais lidar de uma forma saudável com os sentimentos negativos que emergem do sofrimento dos pacientes que ele atende. Em decorrência disso, esses profissionais começam a apresentar respostas somáticas e/ ou defensivas em relação ao seu trabalho. Como o próprio nome indica, a fadiga por compaixão tem como base a experiência da compaixão, definida como sendo um estado de preocupação, de aflição pelo bem-estar de outrem, tendo em vista o estresse e o desconforto que o sofrimento alheio nos causa (Lago & Codo, 2010). Alguns estudos sugerem que a fadiga por compaixão é a principal ameaça à saúde mental dos profissionais de Saúde (Abendroth, 2005; Collins & Long, 2003; Huggard, 2003). Trata-se de uma síndrome que apresenta sintomas bastante parecidos com o burnout e com o estresse traumático secundário; porém, decorre da constante compaixão e cuidado a outrem, causando aos profissionais, ao longo do tempo, um declínio em sua habilidade de experimentar alegria. Tal síndrome afeta, mais facilmente, determinadas profissões nas quais o contato com quem sofre seja inevitável e constituinte do cotidiano de trabalho, como é o caso dos profissionais que prestam auxílio a emergências e urgências, como bombeiros, policiais, profissionais da saúde; e daqueles que prestam apoio ou assistência em geral e em situações de crise ou trauma, como por exemplo, psicólogos, assistentes sociais e professores. Esses profissionais são mais vulneráveis não apenas porque lidam diretamente com pessoas em sofrimento, mas também porque a empatia e a compaixão são elementos essenciais para a realização eficaz de suas atividades.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Neste cenário de desastre ambiental, a experiência vivenciada pela pesquisadora, sendo vítima da enchente, evacuada de sua casa em 02 de maio, será o ponto de partida para o relato da experiência. As experiências são atravessadas pelos sentimentos em ser uma pessoa vítima da enchente e os saberes na ciência psicológica adquiridos no decorrer da graduação como estudante de Psicologia. A Psicologia tem um papel fundamental no contexto de emergências e desastres, devendo atuar seguindo os preceitos do Código de Ética do Profissional Psicólogo e demais normativas do Conselho Federal de Psicologia, garantindo

uma atuação técnica e ética. Ressaltamos que a atuação é restrita ao profissional psicóloga(o) graduada(o) com registro ativo em seu respectivo Conselho Regional, mesmo que em caráter de voluntariado. A atuação profissional sem o devido registro configura-se exercício ilegal da profissão. Ao prestar serviços voluntários, a(o) psicóloga(o) não se exime das responsabilidades previstas em seu Código de Ética, entre elas, a de assegurar a qualidade na prestação dos serviços. As questões relacionadas ao sigilo, confidencialidade e respeito ao atendido devem ser resguardadas, como em qualquer atividade profissional, levando em consideração as condições e o momento em que ocorrerão os atendimentos. Entre os deveres fundamentais do psicólogo, normatizados no Código de Ética Profissional, destaca-se a exigência de que a(o) profissional, diante da demanda posta, analise se possui qualificação pessoal, teórica e técnica para o atendimento àquela população, assim como para a realização dos encaminhamentos adequados às necessidades dos atendidos.

As pessoas estão atônitas. As que só agora foram resgatadas chegam em choque, desidratadas e em desespero, quase perderam a esperança de serem socorridas. É um cenário desolador. O relato é da psicóloga Marina Pombo, que tem atravessado Porto Alegre para atendimentos nos últimos dias. Ela é uma dos mais de 5 mil psicólogos em atuação no Rio Grande do Sul após o desastre das enchentes que atingiu 364 municípios, afetou mais de 870 mil pessoas e deixou 83 mortos.

“De pessoas com parentes desaparecidos a quem teve que deixar animais de estimação para trás: são diferentes os níveis de sofrimento em uma tragédia como a do Rio Grande do Sul.”

As vítimas. Quem imaginou que a água iria inundar a sua casa? Não há relatos de pessoas que esvaziaram em tempo as suas moradias, levando móveis e outros objetos pessoais. Não há relatos de pessoas que, após a água escoar, sabiam o caos que encontrariam dentro das suas casas. E, não menos importante, são poucos os relatos de vítimas falando sobre as suas dores, que têm cor de lama, mau cheiro e sentimento de luto. Dialogar sobre a vítima da enchente após mencionar o papel do voluntário parece mais coerente com a realidade, em que, o voluntário esteve à frente da vítima. Digo que, antes mesmo da vítima se

enxergar como vítima, o voluntário estava lá, pronto para ajudar. O que evidencia isso é o momento mais desesperador da enchente: os resgates. O quanto os voluntários precisavam convencer as pessoas a aceitarem serem resgatadas? Entrar no barco com o voluntário é um convite para a exposição. Afinal, ser resgatado implica assumir-se vulnerável. Característica social do brasileiro é ser independente e autossuficiente; com as enchentes, houve uma ruptura para novos comportamentos, novos ângulos de ser enxergar. Enxergar aquilo que sempre esteve ali, a nossa vulnerabilidade.

“Dentre as reações emocionais e comportamentais esperadas dessas vítimas, temos a própria tristeza, a angústia, a raiva, o choro, a preocupação com o futuro, a falta de apetite ou o excesso dele, e a insônia”, elenca Miriam Alves, presidente do CRPRS (Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul).

Em relação ao exercício profissional da Psicóloga(o) no que diz respeito ao protagonismo social das pessoas afetadas, direta ou indiretamente, e/ou que sofreram algum tipo de dano ou prejuízo, sugere-se especial atenção na prática psicológica para não promover a vitimização ou patologização dessas pessoas, assumindo uma conduta ética baseada na defesa da garantia de direitos; e sendo vedada a indução ou manipulação de qualquer natureza do protagonismo delas, conforme os Princípios Fundamentais e o Art. 2º, b, do Código de Ética.

Os voluntários. Pessoas mais do que comovidas com a situação, foram os voluntários que se mobilizaram para ajudar o povo da enchente. Colocaram em risco a sua saúde física ao enfrentar os dias gelados da enchente, a água contaminada, a sua voz para gritar em meio aos resgates. Enfrentaram o perigo de vida quando o tráfico agiu mesmo sob a água, roubando barcos, saqueando apartamentos de andares mais altos não atingidos pela água. Os voluntários, lidaram de frente com questões políticas ao ver tanques de guerra cruzando a enchente a passeio. E o voluntário ali, indo na direção contrária da polícia militar; em direção à enchente, sem o mínimo de apoio político. O mote criado nas redes sociais foi “é o povo pelo povo”. O povo este, que são os civis, salvaram vidas. Alimentaram animais nos telhados, dos mais diversos tipos, animais que foram abandonados, esquecidos pelos familiares. Aquele sujeito, voluntário das enchentes, lidou com o cansaço extremo. Um dia de voluntariado, pesou como vários dias de luta e sobrevivência. O corpo ficou machucado e o psicológico

também, pois o sentimento deles era de não terem feito o suficiente. Afinal, como ser suficiente em uma situação de negligência do próprio Estado? A cada vida resgatada, eram mais cinco aos gritos pedindo socorro. Apesar da sensação de os resgates nunca terem fim, praticamente toda a cidade de Canoas foi resgatada pelos voluntários.

De acordo com IDIS – Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social*, os voluntários são pessoas que têm empatia e sentem o dever de ajudar aqueles que estão em situação de risco, desigualdade, emergência ou simplesmente desejam ser úteis à sociedade. Os voluntários de desastres, sejam os que respondem a emergências naturais ou causadas pela humanidade, são pessoas que estão prontas, em um piscar de olhos, a enfrentar situações de risco e a dar o seu máximo para salvar ou aliviar o sofrimento de outras vidas. Os voluntários são a espinha dorsal das respostas emergenciais e tem a capacidade de mobilizar grandes números de pessoas rapidamente. O voluntariado tem sido essencial nas respostas das crises de emergência no Brasil, mas ainda existe uma grande desorganização nesse modelo de assistência. A maioria das pessoas sente a necessidade de ajudar, quer ajudar, mas não sabe como e aonde ir para colaborar de uma forma estruturada: simplesmente se jogam para fazer o que acham ser o necessário e muitas vezes isso traz duplicidade de trabalho, tumulto e pode atrapalhar o trabalho dos socorristas. Não existe metodologia e rede estruturada de voluntariado para responder a emergências e desastres humanitários, e não existe uma coordenação por parte dos governos locais. As emergências e desastres, mesmo de forma organizada, são um caos e difíceis de responder; o sofrimento se torna ainda maior quando esta assistência é desordenada.

O voluntário em saúde mental e vítima das enchentes. A partir das análises das medidas de enfrentamento em PSP e da Fadiga por Compaixão que é uma consequência negativa nos voluntários em saúde mental, podemos refletir sobre o desafio desses atores sociais em recorrer aos seus saberes psicológicos ao mesmo tempo que permanecem no contexto da enchente. Constatando que o sofrimento resultante desta atuação ainda está somente nos relatos, o voluntário em saúde mental que não sai do contexto da enchente, desenvolve necessidades de aparatos psicossociais mais agravados do que se este sujeito atuasse somente como voluntário ou estivesse na condição de vítima da enchente. Temos

aportes teóricos para o enfrentamento de situações de desastres e emergências que consideram diferentes perfis de existência nesse contexto de crise. Há, então, a observação de que temos uma nova demanda com este perfil de voluntários e suas narrativas de sofrimentos. A ciência nos mostra que não se desenvolve uma epidemia de transtornos mentais em situações de desastres e emergências. Porém, fica o alerta para aquelas pessoas que foram intensamente afetadas pelas situações das enchentes o risco aumentado de problemas de saúde mental, principalmente estas que são pessoas envolvidas em situações de resgates, apoio na limpeza das casas, com a sobreposição de ser uma vítima das enchentes. E, nesta última característica, podendo ser considerada também, as pessoas voluntárias que foram de alguma forma atingidas em sua rotina de vida, pelas consequências da enchente. Como a exemplo, de a cidade inteira de Canoas ter ficado sem energia elétrica, sem abastecimento de água, e o caos nas ruas com as sujeiras das enchentes e histórias que transitam nesse contexto adoecedor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos cientistas têm previsto um aumento na ocorrência de desastres climáticos em virtude do processo de aquecimento global. Diante do limitado conhecimento sobre os benefícios e segurança dessas ações, em especial daquelas mais imediatas, é preciso que se conduzam estudos para avaliar as consequências de intervenções dirigidas às pessoas envolvidas, principalmente daquelas que atuaram socialmente como voluntários em saúde mental e que, também, precisaram enfrentar as situações provenientes da enchente por fazer parte do seu contexto de vida e moradia. Tais estudos devem buscar a identificação de fatores de risco e de resiliência, bem como a avaliação sistemática e estruturada da efetividade de intervenções em curto, médio e longo prazos. Alguns dos quadros de adoecimento em saúde mental provenientes de situações de desastres e emergências, tendem a se tornar crônicos. As reflexões propostas neste relato de experiência, através das observações da pesquisadora, é que existem possíveis contribuições em adaptações dos protocolos em Primeiros Socorros Psicológicos (PSP), considerando os relatos e vivências das vítimas e dos voluntários em saúde mental. E, que sejam utilizadas as avaliações psicométricas para identificação de Fadiga por Compaixão nos voluntários afetados pelas

enchentes. Assim, podemos refletir sobre a possível existência de novas demandas sob o olhar em saúde mental da atuação do voluntário que também se encontra em situação de vítima da enchente, ou até mesmo, um sujeito do mesmo contexto desta enchente. Torna-se importante neste contexto a mobilização de recursos para além dos indivíduos, mas também os recursos coletivos que favorecem respostas mais adaptativas.

REFERÊNCIAS

National Child Traumatic Stress Network, National Center for PTSD. PSYCHOLOGICAL FIRST AID. Field Operations Guide 2nd Edition. Disponível em: <http://www.nctsn.org/content/psychological-first-aid>. Acessado em março 2013.

LAGO, K; CODO, W. Fadiga por compaixão: evidências de validade fatorial e consistência interna do ProQol-BR. Estudos de Psicologia, 18(2), abril-junho/2013, 213-221

BARCELOS, E. Canoas, suas canoas e suas enchentes. 26 setembro, 2023. Notícias da Aldeia. Disponível em <<https://noticiasdaaldeia.com.br/canoas-suas-canoas-e-suas-enchentes/>>

Voluntariado nas respostas às crises de emergência. 24 de maio de 2022. Disponível em <<https://www.idis.org.br/voluntariado-nas-respostas-as-crises-de-emergencia/#:~:text=Os%20volunt%C3%A1rios%20s%C3%A3o%20a%20chave,assist%C3%A2ncia%20m%C3%A9dica%20e%20psicol%C3%B3gica%20etc.>>

Rede de Atenção Psicossocial. Notícias. Ministério da Saúde do Governo do Brasil. Disponível em <<https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saes/desmad/raps>>

Defesa Civil atualiza balanço das enchentes no RS – 8/7, 9h. Notícias Enchentes. Disponível em <<https://www.estado.rs.gov.br/defesa-civil-atualiza-balanco-das-enchentes-no-rs-8-7-9h>>

Casa Militar Defesa Civil RS. Relatório de Óbitos e Desaparecidos. 08 de julho de 2024. Disponível em <<https://admin.estado.rs.gov.br/upload/arquivos/202407/bitos-e-desaparecidos-defesa-civil-8-7-24.pdf>>

A Psicologia no Desastre Climático no RS. CRPCAST - Episódio 46. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=8zUIDL1GkaY&t=10s>>